

Resgate cultural e manejo da agrobiodiversidade em roças indígenas:

experiências Kaiabi e Yudja no Parque Indígena do Xingu, MT.

Tuiarajup Kaiabi, Arupajup Kaiabi, Wisi'o Kaiabi, Taikapi Yudja, Mahurima Yudja, Txitxiyaha Yudja, Geraldo M. Silva, Katia Ono*

artigos

Os Kaiabi e os Yudja, habitantes do Parque do Xingu, vêm enfrentando historicamente mudanças culturais, em seus hábitos alimentares e em seus sistemas agrícolas. Com a intensificação do contato com a sociedade brasileira, eles desencadearam um movimento próprio de resistência e resgate cultural que inclui a agricultura.

A expansão de atividades econômicas no entorno do Parque tem provocado reflexos negativos na dinâmica sociocultural e ambiental interna. Recentemente, lavouras de soja vêm dominando a paisagem, tomando espaço da atividade madeireira e da pecuária extensiva. Isso se traduz nas elevadas taxas de desmatamento que o estado do Mato Grosso vem exibindo. As cabeceiras dos rios formadores do Xingu, localizadas fora dos limites do Parque, sofrem crescente contaminação ambiental, com destaque para a poluição de rios, o que afeta diretamente os índios.

Os Kaiabi e os Yudja vivem no norte do Parque, onde mantêm a prática de agricultura com policultivos diversificados. Ambos tiveram que enfrentar a transferência para o Xingu devido à ocupação de seus territórios por não-índios (Grünberg, 2004). Os Kaiabi somam hoje cerca de mil pessoas que ocupam 12 aldeias no Parque. Os Yudja são cerca de 250 indivíduos que



Foto: Geraldo M. Silva

Celebração da colheita de amendoim na aldeia Kwaryja Kaiabi, junho 2003

habitam três aldeias, todas no Parque. A Associação Terra Indígena Xingu (Atix) é uma organização pluriétnica em que os Kaiabi têm atuação destacada. Já a Associação Yarikayu foi criada para representar os interesses do povo Yudja, e trabalha em estreita cooperação com a Atix.

A ocupação de terras ancestrais, a crescente densidade demográfica, a sedentarização de aldeias devido à infra-estrutura instalada para prestação de serviços aos índios e o confinamento territorial acentuam a pressão de uso dos recursos naturais estratégicos. Por exemplo, as capoeiras em Terras Pretas – sítios arqueológicos de distribuição esparsa na paisagem, derivados de antiga ocupação indígena, onde ocorrem solos com alto teor de matéria orgânica e elevada fertilidade, e portanto aptos aos cultivos mais exigentes – vêm recebendo roças com ciclos de pousio cada vez mais curtos. Em decorrência



Amostra de algumas variedades de amendoim Kaiabi



Sirawan Kaiabi em parcelas de amendoim

disso, há frustrações de safra mais freqüentes. Hábitos alimentares também vêm se modificando, com perda da importância relativa da dieta tradicional. Assim, espécies agrícolas são menos valorizadas, levando à diminuição da diversidade genética nas roças.

A reação dos Kaiabi e dos Yudja às mudanças históricas em suas roças é digna de nota. No início da década de 50, Jepepyri (Prepori) Kaiabi¹, originário do rio Teles Pires, pediu que pequenas amostras de cada variedade agrícola fossem enviadas ao Xingu. O material foi trazido a pé e em canoas, em um percurso de cerca de 500 km que levou mais de dois meses para ser feito. Mais tarde, em 1966, pelo mesmo motivo de invasão de suas terras, foi realizada a transferência da maior parte dos Kaiabi que ainda viviam no rio Tatu, local da origem mítica do povo. Na viagem, feita de avião, também foram trazidas sementes e mudas por iniciativa do Capitão Temeoni Kaiabi, o líder da região. Desde 1992 os filhos de Jepepyri, Arupajup e Tuairajup, assumiram a tarefa de zelar pelo patrimônio genético de seu povo e procuraram apoio externo para melhor desempenhá-la. Em 1997, a proposta foi apresentada ao Instituto Socioambiental (ISA), e a partir de 1998 as ações de resgate e multiplicação de variedades agrícolas passaram a ser trabalhadas em parceria entre a Atix e o ISA². Em 1999 as primeiras parcelas foram plantadas na aldeia Kwaryja, um ano antes do falecimento de Jepepyri. Assim, a curadoria da coleção genética Kaiabi passou para seus filhos, noras e genros, estabelecendo as bases para o presente trabalho (Kaiabi e Silva, 2001; Silva, 2002). Nos debates que seguiram, os Yudja manifestaram interesse em resgatar as suas variedades, e Mahurima Yudja e os casais Txixiyaha e Taikapi e Ikae e Isabaru, entre outras pessoas, começaram a exercer o mesmo papel de curadores.

¹ No fim dos anos 40, a invasão das terras Kaiabi por seringueiros e empresas colonizadoras havia colocado em grave risco a sobrevivência da população que, após décadas de luta contra os brancos, não tinha mais condições de vencer o poderio do adversário. Por isso, Jepepyri, um líder carismático, aceitou o apoio dos irmãos Villas Boas para realizar a transferência de seu povo para o Xingu.

² A Atix e o ISA mantêm uma parceria há nove anos. Esse acúmulo se traduz em termos de relações institucionais, bem como suporte técnico, jurídico e administrativo, incluindo ações de capacitação direcionadas à diretoria da associação e ao pessoal das aldeias.

O esforço de manejo de agrobiodiversidade Kaiabi está centrado na cultura do amendoim, enquanto os Yudja têm focado sua atenção na mandioca. Entre 1999 e 2004 foram realizados censos da disponibilidade de variedades de todas as culturas agrícolas nas aldeias Kwaryja Kaiabi e Tuba Tuba Yudja. Os resultados explicitaram origens distintas para as variedades presentes: aquelas consideradas tradicionais; as externas (recebidas de outros índios ou trazidas da cidade); e as *recentes* (selecionadas no local, a partir de outras variedades, e por coleta de maniva em roças velhas). Mostraram-se também diferenciações entre famílias nucleares, o que permitiu identificar homens e mulheres que realizam um trabalho de curadoria de coleções genéticas.

A escolha das espécies e variedades a serem plantadas nas roças familiares apresenta muitas motivações. No Parque do Xingu, essa decisão parece estar vinculada a um complexo de razões envolvendo preferências pessoais; identidade étnica; a idade e conhecimento especializado do casal; a consideração por tabus alimentares; os usos e características organolépticas de cada variedade; aspectos agrônômicos; e oportunidade para obtenção e/ou conservação de um material particular. Desse modo, o plantio e/ou abandono de variedades pode se dar em função da combinação de respostas para esses fatores. Por exemplo, no caso Kaiabi, pais novos deixam de comer amendoim até que o filho complete um ano de idade, assim como algumas variedades são evitadas porque são relacionadas com a incidência de doenças, como a artrose. Para os Yudja, algumas variedades de mandioca têm importância cultural destacada, sendo celebradas através de canções específicas em algumas festas. Por outro lado, a curiosidade também pode fazer com que materiais externos sejam experimentados nas roças das aldeias. Em caso de aceitação – e dispersão para outras famílias – a nova variedade pode vir a ser incorporada à coleção geral manejada pela população.

Os Kaiabi do Kwaryja iniciaram um trabalho sistemático de recuperação e multiplicação de variedades de amendoim em 1999. Parcelas são cultivadas em uma roça

comunitária, já que a aldeia é pequena, formada por uma única família extensa³ que ainda mantém o sistema de produção baseado na geração centralizada de alimentos em uma roça maior, complementada por outras menores, geridas pelas famílias nucleares. Na safra 2003/04, havia 31 parcelas com diferentes variedades sendo multiplicadas. Os Yudja passaram a estudar sistematicamente suas variedades de mandioca em 2002, através de oficinas de trabalho na aldeia Tuba Tuba envolvendo jovens, adultos e idosos de ambos os sexos. A partir da identificação de descritores locais para a cultura, foram visitadas roças e estudadas 40 diferentes variedades. Foram encontrados poucos pés plantados de duas variedades de importância cultural, e em apenas uma roça. Como decorrência desse trabalho, algumas famílias passaram a multiplicar em roças particulares variedades mais raras, as quais aos poucos vão sendo reintroduzidas no sistema de circulação de materiais genéticos.

Contudo, as condições objetivas para a revitalização dos sistemas de manejo da agrobiodiversidade e a reprodução física dos materiais propagativos encontram obstáculos. Alterações no processo de transmissão de conhecimentos, de circulação de recursos genéticos e de percepções diferenciadas de limites ecológicos para o uso continuado de recursos naturais são alguns deles. Em um plano mais geral, os Kaiabi e os Yudja estão buscando capacitação⁴, principalmente para as novas gerações, em gestão e manejo dos recursos naturais, associando reflexão e prática política a aspectos socioculturais e atividades técnicas. Essa capacitação é feita por meio de diversas modalidades de treinamentos, sempre lastreadas em atividades concretas do cotidiano, de caráter participativo e com conteúdo prático e teórico. Delineado para atender demandas como essas, foi criado em 2000 o *Programa de formação de agentes indígenas para o manejo de recursos naturais*, que inclui o manejo da agrobiodiversidade. Para viabilizar o seu desenvolvimento, fóruns para definir prioridades, acompanhar, discutir e avaliar os trabalhos em aldeias e no PI Diauarum são promovidos pela Atix, pela Associação Yarikayu e pela assessoria.

Talvez o principal mérito desse processo de capacitação seja o de trazer ao debate aberto a questão do manejo da agrobiodiversidade, promovendo a valorização ativa, o resgate e o registro desse patrimônio. Com isso, antigos hábitos alimentares estão sendo retomados, laços de reciprocidade estão sendo fortalecidos e o sistema de circulação de materiais vai sendo remoldado. A ampliação deliberada de coleções de materiais genéticos administradas no plano familiar fornece as bases materiais para esta mobilização.

Além disso, intensificam-se os debates sobre o uso das *terras pretas* e seu esgotamento, apontando para a necessidade de se alcançar outras manchas interio-

³ A família extensa é formada pelos pais, filhos(as) e cônjuges, e netos (podendo incluir outros parentes próximos) que vivem sob a liderança de uma pessoa mais velha, um homem no caso dos Kaiabi, enquanto a família nuclear é a unidade social básica, composta somente pelo casal e filhos.

⁴ O Programa Xingu, executado pelo ISA em parceria com a Atix e a Associação Yarikayu, inclui quatro componentes destinados ao fortalecimento institucional das associações locais: vigilância de fronteiras e do entorno do Parque; formação de professores indígenas; geração de renda e manejo de recursos naturais.

res. Nesse contexto insere-se a experimentação com técnicas de manejo agroflorestal para a recuperação das áreas hoje comprometidas.

A gestão de recursos naturais e as adaptações na organização sociocultural dos índios, em meio aos embates com a ocupação do entorno, estão intimamente ligadas à política de relações destes com a sociedade envolvente. Passa também pelo reconhecimento de seus direitos na forma de políticas públicas em diferentes níveis. Traz consigo também oportunidades para a abertura do diálogo sobre o reconhecimento dos direitos intelectuais coletivos dos índios, incluindo remuneração e/ou compensações pelos serviços ambientais e culturais que prestam ao conjunto da sociedade. É evidente o esforço de lideranças para garantir a participação dos índios do Xingu na formulação e gestão de políticas. Internamente, é crescente o debate sobre práticas e mecanismos para conservação *in situ* de recursos naturais em geral e da agrobiodiversidade em particular. Por essa via, os Kaiabi e os Yudja estão manejando sua agrobiodiversidade e fortalecendo sua identidade étnica.

*Tuiaarajup Kaiabi, Arupajup Kaiabi e Wisi' o Kaiabi:
*membros da Atix. Av Mato Grosso, 688,
Canarana, MT. CEP 78.640-000.*

Taikapi Yudja, Mahurima Yudja e Txitxiyaha Yudja:
*membros da Associação Yarikayu,
Aldeia Tuba Tuba Yudja, Parque do Xingu.*

Geraldo M. Silva: *pesquisador do ISA associado ao
Programa Xingu. Tropical Conservation and
Development Program, University of Florida, USA.
gerams@ufl.edu.*

Katia Ono: *técnica do Isa inserida no Programa Xingu.
katia@socioambiental.org.*

Referências:

GRÜNBERG, G. *Os Kaiabi do Brasil Central. História e Etnografia*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004.

KAIABI, T.; SILVA, G.M. *Experiência de manejo de recursos genéticos amazônicos por índios do Xingu*. International workshop on local management of agrobiodiversity. Projeto Cultivando Diversidad / GRAIN, 2001. www.grain.org/cd.

LIMA, T. S. *A parte do cauim*. Etnografia Juruna. 1995. Tese (Doutorado) – Museu Nacional, Rio de Janeiro.

SILVA, G.M. Uso e conservação da agrobiodiversidade pelos índios Kaiabi do Xingu. In: BENSUSAN, N. (Org.) *Não seria melhor mandar ladrilhar? Biodiversidade: como, por que, para quem*. Brasília: Universidade de Brasília/ Instituto Socioambiental, 2002.